

MATERIAIS ESCRITOS PRESENTES EM MEIOS POPULARES E SUA RELAÇÃO COM ESTRATÉGIAS DE LETRAMENTO

Mayara dos Santos Araujo¹
Ana Lucia Espíndola²

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo investigar como mulheres pertencentes às camadas populares ensinam as letras a seus filhos, e como elas usufruem dos materiais escritos existentes em sua residência e de seus conhecimentos de leitura e escrita para contribuir na aprendizagem das crianças. Trabalhamos com uma pesquisa de cunho qualitativo em uma abordagem etnográfica. Para a obtenção dos dados, fizemos entrevistas e observações nas residências dos sujeitos seguindo um roteiro previamente preparado. Durante as observações e entrevistas encontramos a presença bastante diversificada de materiais escritos, bem como usos e práticas idiossincráticos desses materiais. Nossos resultados indicam que as mães das camadas populares participam de práticas de letramento com seus filhos e que os materiais escritos são fundamentais para esse ato.

PALAVRAS-CHAVE: Camadas populares, materiais escritos, letramento, mães.

ABSTRACT: This study aims to investigate how mothers of popular classes practice the literacy with their children and how they appropriate the written materials in their home and their knowledge of reading and writing to contribute with their children's learning. This research is a qualitative ethnographic study. To obtain data were realized interviews and observations with five subjects involved in research, following an script as a tool for research. During the observations and interviews we found the presence of a wide variety written materials as well as idiosyncratic practices and uses of them. Our results indicate that mothers of popular classes participate with their children in literacy practices and that written materials are essential to this act.

KEYWORDS: popular classes, written materials, literacy, mothers.

¹Mestranda do curso de pós-graduação em educação da UNESP/Presidente Prudente-SP. E-mail: mayaraujotl@hotmail.com

²Professora Doutora do curso de Pedagogia da UFMS, Departamento de Educação, Três Lagoas-MS; E-mail: anaespindola@uol.com.br

Introdução

O povo brasileiro – não é sem mágoa que o dizemos – posto que deva desempenhar em período talvez não muito remoto papel importante no teatro do mundo, não está ainda preparado para consumir o livro, substancial alimento das organizações viris e fortemente caracterizadas. Faltam-lhe as condições de gosto, instrução, meios, saudável direção de espírito, sem as quais não se pode cumprir a livre obrigação que equipara o artesão ao capitalista, o operário ao literário, o pobre ao milionário – a de comprar, ler e entender verdades ou idéias coligidas em um volume, cuja leitura demanda largo fôlego e cujo estudo requer tempo de que o povo em geral não dispõe (LAJOLO; ZILBERMAN, apud ABREU, 2001, p.140).

No século XIX o discurso sobre a leitura e os impressos no Brasil era repetido e de maneira demasiadamente crítico. Os viajantes que vinham ao país, nesta, época insistiam em denunciar as precárias condições da vida intelectual, a ausência de escolas, o número reduzido de livros e a má qualidade de seus estoques bem como o desinteresse dos habitantes brasileiros pela leitura (ABREU, 2001).

A história da cultura escrita no Brasil vem carregada de censura, pré-conceito, má distribuição e descaso. Essa história foi constituída, assim como em outros países, de escolarização e imprensa tardias, de modo a tornar rara a presença de impressos na sociedade (GALVÃO, 2007).

Segundo Galvão, *até meados do século XX, o Brasil foi um país marcado pela oralidade e pelo analfabetismo* (2007, p.11). Isso pode ser visto como uma justificativa (ou uma tentativa) para entender os resquícios da problematização acerca da cultura letrada no Brasil, principalmente nas classes sociais menos favorecidas e desprovidas de acesso aos bens culturais.

A delimitação de certo conjunto de textos e dos modos de ler considerados como válidos e, em consequência, o desprezo aos demais textos, estão na base dos discursos elitistas que proclamam a inexistência ou a precariedade da leitura no Brasil (ABREU, 2001).

Os problemas, apontados anteriormente, acentuam-se em uma sociedade marcada pelo modo capitalista de produção em uma fase expansionista onde, ao mesmo tempo em que se prioriza os interesses de uma pequena parcela da população começa, contraditoriamente, a se fazer necessário também o acesso a bens simbólicos – dentre eles a leitura – para um número maior de pessoas. A necessidade de se aliar capital

cultural e capital financeiro traz novas configurações para a exigência da leitura. Zilberman (2008, 1) diz que:

[...] a reunião desses fatores ocorreu por causa da emergência e sucesso da sociedade capitalista, quando o capital cultural tornou-se igualmente importante para a acumulação do capital financeiro. Leitura então se consolidou como prática, nas suas várias acepções. Produto da escola e critério para ingresso e participação do indivíduo na sociedade, veio a ser valorizada como idéia, por distinguir o homem alfabetizado e culto do analfabeto e ignorante. A leitura passou a distinguir, mas afastou o homem comum da cultura oral; nesse sentido, cooperou para acentuar a clivagem social, sem, contudo, revelar a natureza de sua ação, pois colocava o ato de ler como um ideal a perseguir. O ainda não leitor apresenta-se na situação primitiva de falta, que lhe cumpre superar, se deseja ascender ao mundo civilizado da propriedade, por consequência, do dinheiro e da fortuna.

Segundo Britto (2003), a organização político-social do capitalismo implica em sua origem processos educativos de organização desigualmente distribuídos, o que dificulta o acesso a materiais escritos para grande parte da sociedade. Não se pode afirmar que brasileiro não gosta de ler, mas sim, que tem dificuldade de acesso ao escrito, especialmente ao impresso.

Na realidade de um país como o Brasil, cujas origens se ligam a uma sociedade escravocrata, a formação de leitores e escritores se compõe em uma questão, sobretudo, política. Ao se analisar o mercado editorial do nosso país, deparamo-nos com a triste realidade de uma desigualdade do acesso ao livro: mais de setenta por cento dos livros publicados ao ano são didáticos, dispomos de 2.008 livrarias apenas, cerca de uma para cada 84,4 mil habitantes – distribuídas desigualmente pelo território nacional (PAVÃO, 2001).

Ao analisarmos esses dados podemos perceber o quanto o acesso aos materiais escritos, especificamente ao livro, adquiriu um caráter extremamente desigual em nosso país. O acesso a esses bens se tem limitado a poucos, a uma pequena minoria privilegiada. Os gostos pela leitura permanecem estáveis somente no interior da reduzida faixa de leitores chamados “firmes”, que ainda conseguem ler vários livros por ano e ter acesso a esses bens, constituindo na sociedade a parcela mais conservadora e por isso mais constante do universo dos leitores (PETRUCCI, 1999).

Muitas vezes os materiais escritos acabam se resumindo àqueles presentes na escola e estes, na maior parte das vezes, adquirem um estatuto de intocáveis que não podem ser emprestados. Além disso, há ainda a questão do que se lê, do que é reconhecido pela sociedade como leitura legítima. Segundo Abreu,

[...] lêem-se mais livros, entretanto as escolhas parecem inadequadas. Por detrás de afirmações corriqueiras nos dias atuais, como “ler é bom”, há uma seleção implícita de um conjunto de obras que tornam “bom” o ato de ler e que justificam outras tantas afirmações, também bastante comuns, como “os jovens não têm o hábito de leitura”. Na verdade, lê-se muito livro de auto-ajuda, de vulgarização científica, muita ficção científica, história em quadrinho, lê-se muito livro sobre hobby, sobre astros da música e do cinema, muitas recolhas de piadas. Mas lêem-se pouco os “bons livros”: pouca filosofia, pouca literatura erudita, pouca reflexão política séria. Em resumo, parece haver uma diminuição do interesse pelos livros positivamente avaliados pela escola, pela academia, pela crítica literária. O cânone universal dos textos escritos, capaz de assegurar a disseminação dos valores culturais, políticos e religiosos, nos quais se ancora a visão de mundo das elites, parece ameaçado. Novo perigo ronda o mundo dos livros e da literatura, pois esperava-se que esses valores fossem reverenciados e entendidos como algo de que não se poderia prescindir (1999, p.14).

É inegável que, para se formar leitores, faz-se necessário algumas condições materiais e, dentre estas, uma das mais importantes é que se tenha acesso aos materiais escritos impressos, tornando-os assim igualmente distribuído a todos de forma justa. Não podemos esquecer que as dificuldades e empecilhos que impedem as camadas populares de obterem impressos não é significado de total falta desses bens, nem impedimento para o uso dos mesmos por meio de outras estratégias que não a posse.

Para entendermos as funções que a presença dos materiais escritos adquire nos lares das camadas populares e a importância que eles atingem, não se pode esquecer que “outras instâncias também contribuem para que as pessoas utilizem com maior frequência e propriedade a leitura e a escrita: o trabalho, o sindicato, o partido, a igreja, a biblioteca do bairro, a associação, o clube [...]” (GALVÃO, 2003, p.150). Podemos per-

ceber, então, que essas instâncias contribuem para que a família esteja em constante contato com os escritos, tornando assim, o uso desses bens necessários e presentes no cotidiano familiar.

Segundo Silva (2007, p.213), “[...] é primeiramente no âmbito familiar que os filhos, desde pequenos, absorvem os conceitos fundamentais e as práticas de socialização relacionados a diversas atividades”. Antes mesmo das crianças atingirem idade para escolarização, é no seu lar o primeiro contato com o mundo da escrita e dos bens de propriedade escrita (correspondências, receitas, revistas, livros etc.).

Por outro lado, a escola também cumpre um papel importante no acesso aos materiais escritos. Mas que tipo de acesso a escola vem produzindo? Para Goulart:

[...] as crianças, por sua vez, oriundas de famílias pouco alfabetizadas, ou não alfabetizadas, isto é, com pouca oportunidade de participação em eventos de letramento, ao chegarem à escola, na sua grande maioria, entendem que texto escrito é aquele que a escola lhes apresenta, na maioria das vezes, textos acartilhados. Pode iniciar-se assim um processo de expropriação e não de apropriação da escrita ou, melhor dizendo, de expropriação do mundo da escrita (GOULART, 2005, p.4).

A reflexão de Goulart nos leva a pensar sobre o uso da escrita nos contextos escolares e não-escolares. Para uma maior participação na cultura letrada, faz-se imprescindível não só saber as tecnologias - de transformar grafemas em fonemas e fonemas em grafemas - mas também saber usá-las corretamente no mundo social. Investigar a leitura e a escrita em suas práticas e usos nos leva a discutir a idéia não só de alfabetização, mas, também, de letramento.

De acordo com Soares (2003) letramento é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um conjunto onde a leitura e a escrita tenham sentido e façam parte da vida do sujeito. O indivíduo letrado é aquele que vive em estado de letramento, não é só aquele que sabe ler e escrever, mas, sim que usa socialmente a leitura e a escrita e a pratica adequadamente nas demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 1998).

Diferentemente de alfabetização, cujo sentido está mais associado a ensino-aprendizagem do sistema da escrita, letramento remeteria a um movimento mais geral, que se relaciona com os meios da escrita, dos usos e objetos, bem como as pessoas e grupos que fazem uso desses conhecimentos para desenvolver ações (BRITTO, 2003).

Portanto, para que haja um melhor desempenho de alfabetização e letramento nas camadas populares faz-se necessário, segundo Soares, as condições:

Uma primeira condição é que haja escolarização real e efetiva da população – só nos demos conta da necessidade de letramento quando o acesso à escolaridade se ampliou e tivemos mais pessoas sabendo ler e escrever, passando a aspirar a um pouco mais do que simplesmente aprender a ler e a escrever.

Uma segunda condição é que haja disponibilidade de material de leitura. O que ocorre nos países do Terceiro Mundo é que se alfabetizam crianças e adultos, mas não lhes são dadas as condições para ler e escrever: não há material impresso posto à disposição, não há livrarias, o preço dos livros e até dos jornais e revistas é inacessível, há um número muito pequeno de bibliotecas. Como é possível tornar-se letrado em tais condições? (SOARES, 1998, p.58).

Outra questão importante quando discutimos letramento e suas relações com as práticas escolares de leitura e escrita são os dados disponibilizados pelo INAF³ (2001). Segundo informações trazidas por este indicador, grande parte de pessoas analfabetas não tiveram a presença de materiais escritos em casa, e que esses analfabetos, em sua maioria, fazem parte das camadas populares. Tal dado comprova a má distribuição da cultura letrada aliada à má distribuição de bens materiais.

Segundo Galvão (2003) as práticas de letramento estão muito relacionadas ao nível de leitura dos pais em casa, a presença ou não de materiais escritos e aos usos da leitura e da escrita por parte de seus pais ou parentes.

Os materiais de leitura encontrados pelo INAF são bastante diversos. Livros de modo geral e as cartilhas/ cartas do ABC são os mais encontrados, enquanto jornais, revistas, enciclopédias e dicionários são materiais de leitura mais desigualmente distribuídos.

A pesquisa também constata que grande parte dos analfabetos entrevistados, também teve pais e mães que não sabiam ler. Observa-se, segundo Galvão (2003, p.129), “que 42% dos analfabetos não conviveram com nenhum material de leitura na casa onde passaram a infância”.

³ Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional – INAF – Essa pesquisa foi realizada pelo Instituto Paulo Montenegro em parceria com a Ong Ação Educativa no ano de 2001, com o objetivo de investigar o letramento no Brasil

Para Galvão, “quanto maior o nível de alfabetismo do entrevistado, mais provavelmente teve pais e mães que sabiam ler – e ler bem” (2003, p.128). Isso demonstra uma estreita ligação entre a leitura e presença de materiais escritos ainda durante a infância do sujeito. Há uma maior probabilidade dos alfabetizados terem convivido desde a infância com a presença e com os usos efetivos da leitura e da escrita em casa. Portanto, quanto mais cedo a criança for exposta a uma diversidade de materiais de leitura e seus usos e práticas, mais provavelmente se tornará um adulto com maiores capacidades de usar a leitura e a escrita no seu cotidiano. A presença dos materiais escritos em casa e a utilização no cotidiano familiar estão estritamente ligadas ao perfil desse adulto.

As reflexões que vimos fazendo no percurso deste texto nos levam a formular as seguintes questões: Como se configura a presença do escrito em famílias das camadas populares? Que usos crianças e adultos fazem desse material em suas vidas cotidianas? Para responder a estas questões trazemos neste texto os dados obtidos em uma pesquisa de cunho etnográfico realizada com um grupo de mulheres e crianças de um bairro de periferia de uma cidade do interior de Mato Grosso do Sul. Para a obtenção dos dados, constituímos um grupo de 17 mães e 32 crianças, com o qual nos reunimos quinzenalmente para contarmos histórias e levarmos a esse grupo um acervo de livros de literatura infantil com temas variados. A partir da constituição do grupo foi possível realizar entrevistas com as mães e observações nas residências, buscando a presença de materiais escritos e discutindo com os sujeitos suas histórias e singularidades.

Apresentaremos, então, a análise dos materiais escritos encontrados nas casas das pessoas entrevistadas e as discussões de como esses materiais influenciam no processo de letramento utilizado pelas mães com seus filhos. Para isso, organizamos os dados obtidos em duas categorias: a) materiais escritos encontrados: histórias e usos; b) identificação da história dos materiais escritos na residência: estratégias para conquista dos escritos c) utilização, necessidade, importância e uso dos materiais escritos na educação dos filhos d) relação com materiais escritos na infância.

Posteriormente encaminharemos nossas considerações finais.

2 Materiais escritos em meios populares: os dados da pesquisa

A metodologia usada para a pesquisa foi de cunho qualitativo em uma abordagem etnográfica facilitando assim, um melhor desenvolvimento da investigação de nossa temática. A estratégia etnográfica foi escolhida para nosso estudo, porque seu método encaixa com nosso objetivo

de pesquisa, pois para Spradley, “etnografia é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo” (SPRADLEY, 1979, apud LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.14).

Tal método usado nos dá uma estreita ligação com os sujeitos da pesquisa. Segundo André (1986, p.11). “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, isto é, esse tipo de pesquisa propõe um contato direto do pesquisador com o objeto de pesquisa e o momento em que está sendo investigado”.

Para a análise de dados a pesquisa qualitativa deve ser flexível, pois se trabalha com a realidade. A análise das entrevistas e das observações é um procedimento amplo que busca captar a mensagem que o investigador deseja descobrir em seu projeto, por isso ele busca um delineamento de pesquisa para coletar e analisar os dados. “Em suma, um bom plano de trabalho garante que teoria, coleta, análise e interpretação de dados estejam integrados” (FRANCO, 2003, p.33).

Para a observação e entrevista selecionamos cinco mães (das 17 mães que fazem parte do grupo) para serem investigados com entrevistas aprofundadas e observações nas residências. As entrevistas e observações foram marcadas antecipadamente com os sujeitos para um acordo de data, hora e local. Quanto ao local as entrevistas, foram feitas nas respectivas residências dos sujeitos investigados, tendo em vista a necessidade de observação das residências buscando a presença dos escritos.

Nos encontros de observação, após uma conversa com o sujeito, quando explicávamos do que se tratava a nossa visita, íamos aos fins propostos de observar todos os cômodos da casa para investigar os materiais escritos existentes naquele lar.

Para dar conta dos nossos objetivos elaboramos instrumentos que nos guiaríamos durante todas as observações. Elaboramos um roteiro de observação das residências contendo os seguintes itens para serem buscados como indicativos:

- Presença de estantes para guardar livros
- Presença de livros nas estantes
- Presença de mesa de estudo
- Presença de livros de receita na cozinha
- Presença de calendários nas paredes
- Presença de bíblias, revistas, folhinhas religiosas
- Presença de lista telefônica
- Presença de folhetos de supermercado
- Presença de cartas e telegramas

- Presença de computador
- Presença de material de propaganda
- Presença de dicionários, enciclopédias e livros didáticos
- Presença de bulas de remédios
- Presença de livros de literatura infantil
- Presença de recados na geladeira
- Presença de manual de eletrodomésticos
- Blocos de anotação

As entrevistas com os sujeitos investigados ocorriam após as observações, e seguimos dois roteiros - um roteiro onde buscávamos registrar informações mais objetivas tais como: nome, idade, local da entrevista, horário, data, número de pessoas que moram na residência; e outro roteiro que nos guiaria durante a entrevista, contendo as perguntas direcionadas aos sujeitos entrevistados.

As entrevistas e observações nos permitiram perceber algumas categorias que descreveremos a seguir. Para preservar a identidade dos entrevistados usaremos as três primeiras letras de seus nomes como forma de identificação nominal.

2.1 “Mas eu tenho dó de dar embora”: materiais escritos encontrados: histórias e usos

Ao analisarmos os materiais escritos presentes na residência dos sujeitos participantes da pesquisa, podemos observar que existe uma grande diversidade e quantidade de impressos.

Na residência de Eli foram encontrados, em destaque na sala, em uma estante, livros considerados “clássicos” da literatura e algumas edições de Ágatha Christie. Esses livros estavam com marcas de leitura e de tempo, pois suas páginas já estavam amareladas, amassadas e desgastadas. Ao perguntarmos a Eli sobre esses livros, ela nos respondeu que:

Os livros que eu tenho não costumo estar lendo mais⁴. Então eu tenho bastante livros assim que foram trazidos dos meus estudos, alguns eu gostava muito de ler então eu lia bastante Ágatha Christie de suspense, assim eu gosto então eu tenho alguns ali que faz tempo já que eu não mexo mais neles mas eu tenho dó de dar embora (Entrevista realizada no dia 19/11/2007).

⁴ As falas dos sujeitos foram adequadas dentro do possível à norma padrão culta. Tentamos não grafar os traços fonéticos e fonológicos das falas dos sujeitos.

Percebemos que o fato da mãe gostar de ler tem interferido nos gostos de suas filhas, pois no quarto vimos, ao lado da cama da filha mais velha de Eli, uma edição da Revista Sabrina, que ela estava terminando de ler. Foram encontrados também nesse cômodo, dentro do guarda roupa, uma caixa de papelão contendo enciclopédias, dicionários de português e inglês, livros didáticos e apostilas. Todo esse material fica a disposição da filha mais velha para uso em função de ajuda nos estudos e entretenimento.

A filha mais nova, também, possui uma caixa para guardar livros de literatura infantil, chamados de clássicos e religiosos. Ao todo, foram encontrados nove livros, todos com marcas de leitura, como orelhas dobradas, com capas e páginas desgastadas e amassadas. Eli sendo religiosa (evangélica), guarda no criado mudo, ao lado de sua cama, uma bíblia, com papéis dentro que indicavam marcações de textos importantes, e também revistas evangélicas de escola bíblica da igreja.

Em outra sala, numa estante, encontramos uma grande quantidade de revista de costura, não mencionada por Eli durante a entrevista, só percebemos esse material pela observação. Também foram encontrados, em uma caixa de papelão, manuais de eletrodomésticos. Junto a brinquedos da filha mais nova ficam as revistas, livros didáticos velhos e rasgados, jornais e folhetos de propagandas que ficam à disposição de sua filha, para brincar e fazer tarefas de recorte para a escola. Foi possível perceber, pela observação, que na residência de Eli havia vários calendários de parede, pelo menos um em cada cômodo.

Nas gavetas do armário da cozinha foram encontrados muitos livros de receita, revistas, recortes de produtos alimentícios e cadernos de receita escrita a mão, todos eles muito bem guardados e organizados. As bulas de remédio estavam na cozinha também, junto aos remédios que ainda são utilizados, mas, depois que acaba o remédio, Eli costuma jogá-las fora. Na porta da geladeira foi encontrado um bilhete escrito a mão, com o horário de nossa visita à casa. Ao perguntarmos a Eli a respeito do bilhete, ela nos disse que tinha o costume de escrever bilhetes para não esquecer os compromissos e, também, para deixar recados.

Nas observações e entrevistas tivemos a oportunidade de ter um contato maior com Eli, esta nos deixou bem claro a importância que ela dá aos impressos e a valorização que lhes atribui, pois os valoriza a ponto de guardá-los por muitos anos e a passá-los de geração a geração.

Entrevistamos e observamos a residência de Dam. Na residência de Dam foi possível encontrar, na gaveta de um móvel da cozinha, vários papéis de contas de gastos da casa e alguns folhetos de propaganda. Nessas gavetas, também foram encontrados folhetos religiosos, algumas bu-

las de remédio e um manual de eletrodoméstico. Na porta da cozinha vimos um calendário. Na sala encontramos uma revista na raque.

No quarto de Dam, dentro do guarda roupa, foram encontradas duas bíblias, duas revistas e um livro didático. Uma das bíblias, bem como o livro e as revistas estavam rasgados e amassados, com marcas de leitura e a outra bíblia estava nova. Dam nos informou que “deixo isso dentro do guarda roupa para as crianças não pegarem, para eles usarem só quando tiverem necessidade” (Entrevista realizada no dia 21/11/2007).

Já na residência de Cla foi encontrado, na sala, em uma estante, alguns materiais escritos, empilhados que, segundo ela: “Eu deixo na sala para ficar mais fácil para os meninos pegarem” (Entrevista realizada no dia 17/12/2007).

Nessa pilha de impressos podemos observar que todos eles estavam com marcas de leitura, os livros didáticos tinham escritas feitas a mão, as enciclopédias estavam com marcas de manuseio, pois suas páginas e capas estavam bem amassadas, o dicionário estava sem capa e os livros de literatura infantil estavam quase se rasgando. Segundo Cla, o estado do material era por serem muito manuseados pelos filhos.

Em meio a esses impressos descobrimos, também, uma agenda telefônica, uma lista telefônica, bíblias e revistas religiosas que estavam em ótimo estado de conservação. Quando perguntamos se Cla tinha cartas, ela nos mostrou algumas que recebeu de sua mãe que mora em outro estado.

Na gaveta de um móvel da cozinha foi possível observar alguns recortes de receita de produtos alimentícios; em um quarto de dispensa da casa foi possível ver um rico material que estava em uma estante, eram várias apostilas e livros didáticos, revistas de vários gêneros e variados jornais, todo esse material não foi informado por Cla durante a entrevista e só foi possível descobri-lo na observação. Perguntando a respeito desse material, ela nos disse que: “são coisas velhas que eu guardo para meus filhos usarem quando querem recortar e fazer tarefas da escola” (Entrevista realizada no dia 17/12/2007).

Cla nos disse o quanto valoriza os materiais escritos e, durante a observação, foi-nos possível perceber uma organização em manter na sala, com fácil acesso, os impressos que auxiliam os filhos na escola, como as apostilas, livros didáticos e enciclopédias, e em guardar os mais rasgados e antigos para eles fazerem pesquisa e recortes.

Em entrevista e observação feita com Rob em sua residência, os impressos encontrados foram dois livros didáticos, seis revistas e folhetos de propaganda que se encontravam na sala, num criado mudo. Alguns desses materiais estavam sem capa e com folhas com alguns recortes e,

logo acima desse criado, em destaque numa prateleira, estava uma coleção de livros infantis, muito bem conservados, com apenas alguns rabiscos coloridos em alguns desenhos.

No quarto de Rob, em um outro criado mudo, estavam duas bíblias, dois livros de oração e um dicionário, já estes materiais estavam em bom estado de conservação, mas com marcas de leitura, pois a bíblia e os livros de oração estavam com folhas dobradas, indicando sinais de marcação de leitura. Uma coisa que nos chamou a atenção em nossa observação, feita na casa de Rob, foi uma caixa de papelão que sua filha Lat nos mostrou, dentro estava um alfabeto móvel feito pela própria família. Rob nos contou que:

Eu estava sem dinheiro para comprar um, então, eu e meu marido fomos desenhando e recortando as letras em um papelão enquanto Lat, minha filha, pintava, e assim nós mesmo fizemos o alfabeto móvel pra que a Lat pudesse estar formando as palavras e ajudar na leitura também (entrevista realizada no dia 19/12/2007).

Na residência de Ros, os impressos tomam o maior espaço em uma estante na sala. Os materiais escritos encontrados foram nove livros de literatura infantil, um dicionário, oito apostilas escolares, revista, livros de enciclopédia, listas telefônicas e uma agenda. Desses livros encontrados alguns estavam em perfeito estado, como as enciclopédias e o dicionário, os outros estavam com aparência de que eram bem usados, pois estavam faltando ou rabiscadas e recortadas as páginas.

Na cozinha encontramos uma revista, um livro de receita culinária e vários recortes de produtos alimentícios, no mesmo armário que encontramos esses materiais estavam, também, as bulas de remédio. Encontramos dois calendários de parede e, no quarto de Ros, ao lado de sua cama, vimos uma bíblia.

Ao longo de nossa pesquisa, ao analisarmos a presença e a importância dos materiais escritos na vida dos sujeitos, foi possível perceber aspectos que foram compatíveis em todos os sujeitos entrevistados. Identificamos pelo menos um impresso que tomava posição de destaque na sala dos sujeitos, identificando, então, a valorização que dão a aquele objeto. Observa-se, pelos dados no INAF 2001, que hoje o acesso aos materiais de leitura e escrita e sua posse são bem mais abrangentes que há algumas décadas, mas que isso não significa que a questão da dificuldade de acesso a esses bens estejam resolvidas.

Também nos foi possível perceber que, ao perguntarmos aos

sujeitos se eles tinham materiais escritos em casa e quais, todos responderam que sim, mas ao catalogarem esses objetos sempre citam os mais convencionais (livros e revistas), identificando então que o que consideramos materiais escritos pode não ser considerado ou percebido pelos sujeitos como tais.

2.2 Estratégias para conquista dos escritos

Ao analisarmos a história dos materiais escritos existentes na residência dos sujeitos, a questão que mais nos chamou atenção foram as estratégias utilizadas pelos sujeitos para obterem impressos com certo prestígio na sociedade. Dentre essas estratégias uma delas é a transmissão dos livros e impressos, quase como uma herança, como podemos observar no relato abaixo:

Então eu tenho bastante livros assim que foram trazidos dos meus estudos, vem assim de família alguns foram comprados outros foram dos meus irmãos que foi comprando quando eles estudavam normalmente antigamente nas escolas eles indicavam muitos livros pra gente esta lendo então agente tinha que comprar e ler (entrevista realizada com Eli, no dia 19/11/2007).

“Essas duas revistas eu ganhei de uma comadre minha que sempre que vem me visitar assim, ela trás pra eu e para os meninos estarem lendo e pra recorta mesmo” (Entrevista realizada com Dam, no dia 21/11/2007).

“[...] os livros infantis foi até quando eu e meu marido namorávamos, meu marido me deu, até por isso eu cuidei deles” (Entrevista realizada com Rob, no dia 19/12/2007).

Tais materiais, especialmente por serem tratados quase como uma herança, acabam também despertando um respeito quase canônico, como podemos observar na fala de Rob:

[...] os livros que eu ganhei, eles eu até escondo e eu falo pra Lat, que ela vai pega eles só quando ela saber mesmo. Por que os livrinhos de historinha que eu comprei pra ela mesmo já não existe, então eu só pego leio pra ela e guardo de novo (entrevista realizada no dia 19/12/2007).

Por outro lado, Dan reclama da ausência de impressos no bairro, afirmando que no bairro onde mora ninguém tem material escrito e que vão a casa dela pegar emprestado os materiais escritos que ela tem, mas

não devolvem mais.

Além da 'herança' há também um claro investimento das famílias para obter materiais escritos impressos especialmente aqueles que são de usos escolares: "Esses livros de historinha foi a escola que deu, e tem uns que eu comprei esses daqui (apontou para os livros)" (Entrevista realizada com Ros, no dia 21/12/2007).

"Então, teve uma vez que um homem ligou aqui em casa me oferecendo um conjunto de livros, esses de enciclopédia, daí eu comprei pra ta ajudando as minhas filhas nas tarefas da escola mesmo" (Entrevista realizada com Eli, no dia 19/11/2007).

"A enciclopédia foi comprada, eu comprei, agora o resto os meninos ganhou da escola" (Entrevista realizada com Cla, no dia 17/12/2007).

Quando da impossibilidade da compra os sujeitos relatam outras formas de angariar materiais, a fala de Rob e Ros nesse sentido são bastante ilustrativas:

· "Eu vou na casa das pessoas que eu já trabalhei de babá, daí eu pergunto: 'a senhora tem revista pra eu levar pra minha filha, pra fazer trabalho de escola?', daí eu trago" (Entrevista realizada no dia 19/12/2007).

· "Eu tenho um tio que trabalha no lixão e sempre que ele acha livros ele vem e traz para os meninos, e eu gosto e mando ele trazer sempre que ele achar, porque livro é uma coisa boa" (Entrevista realizada no dia 21/12/2007).

A fala de Ros nos chama atenção pelo fato de recolher o material de leitura, presente em casa, do lixo. Isso nos leva a considerar, por um lado, a dificuldade ainda encontrada por algumas famílias na compra de materiais impressos, apesar da relativa democratização que aconteceu nas últimas décadas em relação a isso. Por outro lado, talvez por essa mesma democratização, a possibilidade de algumas pessoas transformarem em lixo o impresso tão desejado por outras. Aqui mais uma vez se manifesta uma das contradições aparentes da sociedade capitalista.

Ao analisarmos a identificação da história dos materiais escritos, de como esses impressos chegaram às mãos dos sujeitos, um aspecto que nos chamou a atenção foi a solidariedade das pessoas que doam os impressos às outras, pois todas as entrevistadas tinham algum material que fora doado por alguém.

Outro ponto a ser analisado, e que nos chama a atenção, são as estratégias utilizadas para obter o impresso: visitas à casa de ex-patrões, visitas a consultórios e, até mesmo, no lixão da cidade.

Segundo Galvão (2003, p.131):

Pode-se possuir um livro em casa sem nunca tê-lo lido e pode-se, também, não ter livros em casa, mas tomá-los emprestados com amigos ou em instituições que os têm em seus acervos (escolas, bibliotecas etc.). Por um lado, a posse não é sinônimo de leitura; por outro, a não-posse não é sinônimo de não-leitura.

O que nos faz pensar é que o descaso por impressos de alguns sujeitos, a ponto de jogá-los no lixo, torna-se um bem de muito valor e necessário para outros.

2.3 Utilização, necessidade, importância e uso dos materiais escritos na educação dos filhos

Ao perguntarmos aos sujeitos como eles utilizam os materiais escritos, se eles necessitam desses bens para as atividades do seu cotidiano, recebemos as seguintes respostas que indicam o uso especialmente em relação às tarefas escolares, como pode ser observado na fala de Dan:

Quando tem uma pesquisa, porque tem dia que tem que recortar algumas letras pra tarefa do Artur, porque tem muitas letras que ele tira pra recortar e colar. Vou guardando tudo porque aqui nessa vila, se você não tem, não tem quem tenha, eles vêm é aqui pra casa pra pedir emprestado (entrevista realizada no dia 21/11/2007).

Além do uso para tarefas escolares, indicadas por todos os sujeitos, há também o uso para a leitura, como é o caso de Cla, que lê a bíblia todos os dias e, algumas vezes, com a ajuda de uma amiga que a auxilia em estudos bíblicos. Mas há, também, fala dos sujeitos indicando o uso para o prazer e fruição, como podemos perceber abaixo: *Os de historinha os meninos lêem, porque agora eles leem sozinhos, os outros livros eles gostam de desenhar e pintar e já as enciclopédias de pesquisa eu que pego e ajudo eles quando tem tarefa* (entrevista realizada no dia 21/12/2007).

Ao analisarmos as respostas dos sujeitos a respeito de como eles utilizam os materiais escritos no seu dia-a-dia, e a importância dos impressos no seu cotidiano, o que nos foi possível identificar pelas respostas, é que todos os sujeitos, em unanimidade, responderam que os impressos são utilizados por eles para auxiliarem na educação de seus filhos. Todos os sujeitos responderam que usam os materiais escritos para as tarefas dos filhos. Isso mostra, segundo Galvão (2003, p.128), um esforço que o pai faz em encontrar estratégias para que o filho possa superá-lo, assim podendo ver o filho ultrapassar a geração anterior em nível de alfabetismo.

Ao perguntarmos aos sujeitos qual a relação dos materiais escritos com a educação de seus filhos, como e de que forma esses impressos auxiliam no dia-a-dia, os sujeitos, todos, indicaram a importância de tal material. Para Eli:

Os didáticos, às vezes, a minha filha, que tá no primeiro ano, ela usa mais assim, pra tirar alguma dúvida, então, às vezes, ela me pede ajuda e então com eles eu consigo lembrar alguma coisa, assim e costume e ajudo ela, as revistas a Ana faz os recortes de figuras e palavras, alguma coisa assim, nas receitas que eu trabalho, assim e os livros que agora a minha filha tá lendo mais, assim, ela nunca teve muito interesse em leitura, mas ela começou a ler uns livros de histórias de romance, daí ela se empolgou mais e começou a ler (entrevista realizada no dia 19/11/2007).

Além do auxílio em que os impressos dão suporte para as filhas de Eli, ela também nos falou de como, por meio desses bens, a pessoa consegue desenvolver melhor a leitura e a escrita, por isso ela incentiva muito e valoriza os materiais escritos na residência dela.

Dam também disse que os impressos auxiliam e segundo ela:

Como o Art está no pré, então ele não tem muita tarefa, só às vezes traz umas letras pra recortar e colar, não tem tarefa não, eu estava até olhando uns livrinhos pra eu comprar pra eles, mas é caro, menina, então eu só conto mesmo as histórias da minha cabeça (Entrevista realizada no dia 21/11/2007).

Auxilia e muito. Por que, quando tem tarefa, eu tento ajudar a Lat e esse material ajuda muito, as revistas, o dicionário, quando tem uma palavra que a gente não conhece (Entrevista realizada com Rob, no dia 19/12/2007).

Nos dados fornecidos pelo INAF 2001, a respeito do auxílio em relação às tarefas escolares, 37% dos entrevistados afirmaram sempre ajudar as crianças e 30% auxiliam de vez em quando. Isso faz constatar, segundo Galvão, um esforço de $2/3$ da população entrevistada em acompanhar as crianças nas tarefas de casa (GALVÃO, 2003). As mães entrevistadas neste trabalho corroboram tal afirmativa.

As respostas dos entrevistados a respeito da relação dos impressos como forma de auxílio na educação de seus filhos, só veio confirmar que mães, das camadas populares, ajudam seus filhos em questão de

educação. E que os impressos auxiliam fundamentalmente para esse ato.

Ao analisarmos as respostas, todos os sujeitos afirmam que têm como base os materiais escritos, e que esses bens os ajudam muito para dar suporte no auxílio de um bom desempenho educacional de seus filhos. Segundo Galvão, uma grande constatação “é que as mulheres investem mais nas novas gerações do que os homens: são elas que mais lêem em voz alta e que mais auxiliam os filhos nas tarefas” (2003, p.139).

2. 4 Relação com materiais escritos na infância

“O contato com materiais de leitura diversos desde a infância constitui um fator muito importante para que, quando adulto, o indivíduo alcance maiores níveis de alfabetismo [...]” (GALVÃO, 2003, p.130). Para falar da relação com os materiais escritos na infância, julgamos importante falar um pouco de nossas entrevistadas, das idiosincrasias de suas histórias, de onde viveram a infância, pois isso poderá nos ajudar a compreender melhor tal relação.

Dam tem 43 anos, é nordestina e sua família é composta por sete pessoas: ela, o marido, quatro filhos e uma neta. Dois filhos são adultos e dois, menores de cinco anos. Dam tem quatro anos de escolarização feitos em escolas de zona rural no nordeste. Não trabalha fora, cuida dos filhos pequenos, da neta e dos afazeres domésticos. A supervisora da escola sempre destaca sua participação no acompanhamento dos filhos. “Está sempre alegre e animada. Tem poucas faltas nas reuniões para contagem de história, todas justificadas”.

Cla tem 36 anos e estudou até a sexta série, abandonou os estudos para se casar. É uma família composta por oito pessoas vivendo na mesma casa: quatro filhos, duas noras e um neto. Ficou viúva ainda grávida de uma das filhas, seu marido foi assassinado em uma briga de bar. Casou-se novamente, teve outro filho e se separou. Não tem emprego fixo, mas ajuda a cuidar de uma pessoa idosa do bairro em que vive e recebe algum dinheiro para isso.

Eli tem 38 anos e vive com o marido e duas filhas. Estudou o ensino médio completo e a família mudou-se para Três Lagoas quando o marido foi demitido do emprego que tinha na região do ABC paulista. Eli nunca faltou à reunião de contagem de história e parece estar sempre presente no ambiente escolar, em todos os momentos.

Rob tem 26 anos, parou de estudar no primeiro ano do ensino médio quando engravidou pela primeira vez. Mora com o marido e dois filhos. Costuma chegar atrasada para as reuniões nos períodos em que consegue empregos temporários de faxineira ou doméstica. Algumas vezes falta às reuniões pelos mesmos motivos, mas manda sempre alguém

acompanhando a filha para ouvir a história.

Ros tem 29 anos, estudou até a oitava série e o motivo de ter abandonado os estudos foi ter engravidado. Trabalha como diarista e sua família é composta por cinco pessoas: ela, o marido e três filhos. Ao final de 2007, mudou-se para um bairro muito distante de onde acontecem as reuniões de contagem de história, mas mesmo assim continua participando e trazendo os filhos. Ros nos contou sobre sua dificuldade em aprender a ler e o constrangimento que passava por isso. Ela morava em uma cidade do Paraguai, não falava a língua e precisava aprender a ler naquela língua. Só foi aprender a ler aos 11 anos de idade.

Para Eli, sua relação com os escritos foram sempre presente em sua infância, segundo o relato abaixo:

Então, eu tenho bastante livros, assim que foram trazidos dos meus estudos, vem assim de família alguns foi comprado outros foram dos meus irmãos que foi comprando quando eles estudavam, normalmente antigamente nas escolas eles indicavam muitos livros pra gente ta lendo então a gente tinha que comprar e lia (entrevista realizada no dia 19/11/2007).

Por outro lado, alguns sujeitos relataram a ausência total do escrito e do impresso em suas memórias de infância. Isso nos leva a, mais uma vez, afirmar a relativa democratização vivida em nossa sociedade nas últimas décadas em relação ao impresso. Aqui podemos observar, também, dado já indicado pelo INAF, como em certas regiões do país a ausência do escrito se faz mais forte. A fala de Dan, criada no nordeste nos indica isso: “Eu nunca tive isso não, naquele tempo a gente podia ter mais ou menos ainda um lápis e um caderno pra escrever” (Entrevista realizada no dia 21/11/2007).

As diferenças entre os meios urbanos e rurais também se fazem sentir: “Olha eu não tive muito acesso, isso não porque minha mãe mais ensinava, a gente morava na fazenda, então o que ela sabia ela ensinava a gente, agora acesso a esses materiais a gente não tinha não” (Entrevista realizada no dia 19/12/2007).

Por outro lado, podemos perceber a importância da escola ao possibilitar um acesso maior aos materiais escritos para os sujeitos entrevistados, conforme afirma Ros: “O que tinha era só o da escola mesmo, era muito difícil, até as revistas pra fazer pesquisa ajudar nos trabalhos, não tinha” (Entrevista realizada no dia 21/12/2007).

Ao analisarmos as respostas dos sujeitos a respeito da relação que eles tiveram com materiais escritos em sua infância, a importância e a

contribuição dos impressos na sua educação, identificamos que, dos cinco sujeitos entrevistados, apenas um se lembra de ter tido contato com impressos em sua casa, que é o caso de Eli. O fato de Eli ter sido criada no estado de São Paulo, um grande centro, confirma um dado também apontado pelo INAF: a distribuição desigual do impresso de acordo com as regiões do país. Os outros sujeitos lembram ter tido contato com os materiais escritos somente da escola.

Na pesquisa realizada pelo INAF 2001, “Constata-se que os entrevistados que mais apresentam uma relação de intimidade com o mundo da cultura escrita tiveram em suas casas, ainda durante a infância, contato com uma grande diversidade de materiais escritos” (GALVÃO, 2003, p.130). E isso nos foi possível perceber no caso da Eli, pois, das entrevistadas, ela é o sujeito que possui o grau de escolarização maior e o acervo de materiais escritos encontrado em sua residência foi o mais quantitativo e diversificado.

Conclusão

Acreditamos que o principal benefício deste trabalho foi de melhor compreender as práticas de letramento em meios populares, contribuindo para a superação de preconceitos e discriminações existentes em relação a esta temática. Foi-nos possível descobrir a presença, bastante diversificada, de materiais escritos, bem como usos e práticas idiossincráticos desses materiais, apesar das dificuldades e das limitações que as camadas populares sofrem com a má distribuição, a falta e a desigualdade de acesso ao mundo da cultura escrita.

Por causa da exclusão que as camadas populares sofrem com a desigualdade de acesso aos impressos, foi-nos possível analisar as estratégias que as pessoas utilizam para obtê-los: empréstimos, doações e procura são práticas comuns entre os indivíduos entrevistados. Podemos ver que existem pessoas que podem doar os materiais escritos a alguém, mas também percebemos, pelo depoimento de Ros, que existem pessoas que, ao invés de doarem os materiais escritos, jogam esses bens no lixo.

Os usos e as histórias singulares de cada material de leitura e escrita, identificado nas análises, só nos fizeram perceber o quanto as camadas populares valorizam esses bens, tornando-os de uso diário no cotidiano familiar. As entrevistas e observações nos indicaram também a presença ativa dessas mães na educação dos filhos, mesmo quando esses pais possuem níveis de escolarização baixos, não conviveram muito com o escrito em sua infância.

Os pais se esforçam para terem sempre algum tipo de material escrito em casa, mesmo que seja apenas os que a escola pré-determina

para serem usados como auxiliares nos deveres de casa de seus filhos. “O contato com materiais de leitura desde a infância constitui um fator muito importante para que, quando adulto, o indivíduo alcance maiores níveis de alfabetismo [...]” (GALVÃO, 2003, p.130).

Além disso, tivemos a oportunidade de ter momentos de reflexão sobre as práticas letradas e a importância da língua escrita em nossa sociedade e especificamente nas camadas populares. Observamos um grande esforço das mães em ajudar seus filhos nas atividades que envolvem a leitura e a escrita e, nos dados coletados, há o relato da ajuda que dão aos filhos em tarefas escolares. Essas mães também brincam, contam histórias etc. Isso mostra o empenho delas em mantê-los no mundo da cultura escrita e em contato com os materiais escritos.

Observa-se que elas se preocupam com o desempenho dos filhos e possuem grande preocupação em ver seu crescimento, o que revela, segundo Galvão (2003), um provável esforço para que o filho possa superá-lo em nível de alfabetismo e ultrapassar a geração anterior.

Assim, acreditamos que pudemos, com este trabalho investigativo, fundamentar e fomentar a discussão sobre as práticas de letramento em meios populares, contribuindo para a melhor compreensão do conceito e, desse modo, mapear as práticas letradas desenvolvidas por um determinado grupo de sujeitos.

Referências

ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes (Org.). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas-SP: Mercado de letras: Associação de leitura no Brasil - ALB, 2001.

_____. Percursos da leitura. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas-SP: Mercado de letras: Associação de leitura no Brasil, 1999.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: Reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo- SP: Editora Global, 2004.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. Brasília: Plano Editora, 2003.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leitura: algo que se transmite entre as gerações? In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: Refle-*

xões a partir do INAF 2001. São Paulo-SP: Editora Global, 2003.

_____. *História da Cultura Escrita: Séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

GOULART, Cecília. Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica do estudo. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt10/gt10252int.rtf>>. Acessado em: 19/06/2008.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U, 1986.

MARTINS, José de Souza Martins. *Exclusão Social e a Nova Desigualdade*. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

PAVÃO, Andréa. História de formação de leitores e escritores em camadas populares. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/24/T1072169167122.DOC>. Acessado em: 19/06/2008.

PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CAVALO & CHARTIER, Guglielmo e Roger. (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. Vol. 2. São Paulo: Ática, 1999. p.203-227.

SOARES, Magda. *Letramento – um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: a partir do INAF 2001*. São Paulo - SP: Editora Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. A leitura no Brasil: sua História e suas Instituições. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/regina.html>>. Acessado em: 02/06/2008.

Recebido em: 18/10/2010

Aprovado em: 16/02/2011